

Santa Maria

Caracterização

Trata-se de uma das duas freguesias que integram o perímetro urbano brigantino, sendo esta precisamente a que constitui a metade oriental do burgo. Embora abrangendo uma área superior à da vizinha Sé, Santa Maria é bastante menos populosa, registando nos últimos censos 3240 habitantes.

Abrange a colina da cidadela e Castelo, onde é possível se registasse já um recuado povoamento proto-histórico, esta freguesia notabiliza-se pelo seu riquíssimo e extenso rol e valores patrimoniais edificados. Transpor dupla Porta da Vila e penetrar no interior do recinto muralhado, será tarefa obrigatória a todo o visitante e forasteiro que se preze.

Ali se ergue a portentosa Torre de Menagem, de formosa traça tardo-gótica (Museu Militar). Junto fica a Igreja de Sta. Maria também dita “N. Sra. do Sardão” em alusão a curiosa lenda relacionada com a remota e mirífica origem daquele culto local. Abrigando à sombra está, por seu turno, o mais emblemático dos valores patrimoniais da cidade de Bragança: o designado “Domus Municipalis”. Estrutura de traça românica, única ao nível peninsular neste domínio da arquitectura civil, mostra hoje o aspecto conferido pelo tentame de reconstituição da traça original imposto pela D.G.E.M.N. no segundo quartel deste século.

Nas imediações regue-se também o Pelourinho, outro singelo mas eloquente valor patrimonial, já que testemunha simbolicamente a reunião de uma remota herança proto-histórica – o berrão castrejo perfurado que sustenta a respectiva coluna a partir da base – e o arreigado cunho de organização municipal, este entroncamento já num ancestral comunitarismo (e do qual o actual concelho preservará sólidos testemunhos). Já nos arrabaldes, a igreja do antigo Convento de S. Francisco, com seu remate absidal semi-circular dotado de janelas e contrafortes românicos, guardará também interessantes testemunhos da época baixo-medieval (sécs. XIII – XV).

A também seiscentista Igreja de S. Bento, ligada de igual forma a extinta casa conventual, mostra por seu turno um pórtico principal (e lateral) já imbuído de alguns valores ornamentais tipicamente barrocos, caso das volutas que enquadram o nicho de coroamento (onde se abriga uma imagem em pedra do patriarca beneditino). Em pleno centro urbano, no chamado Largo do Principal, está um outro importante templo brigantino, invocado a S. Vicente, onde a tradição fez sediar, com laivos de romantismo, o casamento do temperamental D. Pedro, ainda infante, com a malograda Inês de Castro. Do outro extremo do largo fica a Casa do Proposto, exemplar de arquitectura civil solarenga e equilibrada traça, com seu piso intermédio integrando, na fachada principal, uma galeria aberta por quatro amplos vãos em arco redondo. A clamar por demorada e atenta visita está o Museu Abade de Baçal, instalado no edifício do antigo Paço Episcopal setecentista. Bastante

comprida, a frontaria do imóvel surge dividida em três diferentes corpos, sendo o central naturalmente nobilitado e armoriado.

Historial

Santa Maria, com uma área de 14,11 km², é uma das quarenta e nove freguesias do concelho e uma das três que constituem a cidade de Bragança, estando delimitada pelas localidades da Sé, Samil, Alfaião, Gimonde, Baçal e Meixedo.

As origens desta freguesia estão, indiscutivelmente, associadas à História de Bragança. Do seu passado sabe-se que, em meados do século X, as terras de Bragança eram de domínio do conde Paio Gonçalves, irmão de Ermenegildo Gonçalves, repovoador da região vimaranense.

Com o passar dos tempos, Bragança tornou-se pertença administrativa dos Mendes e, em 1128, Fernão Mendes, cunhado de D. Afonso Henriques, torna-se Senhor do povoado.

A Quinta da Benquerença, propriedade dos monges de Castro de Avelãs, é o local escolhido para se restaurar a primitiva Bragança, entretanto arrasada pelas invasões bárbaras e pelas guerras entre cristãos e mouros. D. Sancho I, atento à sua importância geográfica e militar, empenhou-se em promover o repovoamento da vila, concedendo-lhe foral em 1187. A vila de Benquerença depressa ultrapassou a linha das muralhas do castelo e não tardou muito para as povoações se juntarem e fundarem a nova Brigantia.

No ano de 1199, a vila foi cercada por D. Afonso IX, rei de Leão, que se viu forçado a levantar o cerco com a chegada das hostes do monarca português, D. Sancho I. O crescimento da vila obrigou, já no reinado de D. Dinis, à edificação de uma nova linha de muralhas e à realização de trabalhos construtivos no castelo.

No decorrer da guerra entre D. Fernando e Henrique I de Castela, em 1369, Bragança e o seu castelo cederam ao domínio das tropas castelhanas, que se assenhorearam da vila, voltando às mãos portuguesas com o Tratado de Alcoutim, alcançado em 1371.

A crise dinástica e as manobras políticas do alcaide João Afonso Pimentel fizeram o castelo mudar de mãos por mais de uma vez. Mais tarde, em 1762, Bragança seria, novamente, assaltada pelas tropas espanholas do Marquês de Sarria, aquando da invasão de Trás-os-Montes, e, em 1808, seria a vez das invasões napoleónicas.

Santa Maria guarda do passado, recheado de acontecimentos históricos, as suas belezas patrimoniais, como é o caso da Domus Municipalis, precioso exemplar da arquitectura civil portuguesa do século XIII ou do Pelourinho, que, nas palavras do historiador José Hermano Saraiva, "não poderia figurar melhor a origem de Bragança: a vida do município medieval a enraizar no terreno profundo da pré-história".

Actividades

- «À Noite no Castelo» (evento anual que decorre, no Castelo, entre Junho e Agosto);
- Desfile de Carnaval das Crianças de Santa Maria (Carnaval);
- Dia da Árvore pelas Crianças de Santa Maria (21 de Março);
- «O Natal dos Pequeninos de Santa Maria» (Natal);

- Dia Mundial da Criança (1 de Junho);
- Dia Mundial do Ambiente;
- Visitas de Estudo com as crianças das escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Freguesia (Estacada e S. Sebastião);
- Presépio de Santa Maria (Natal);
- Concerto de Natal de Santa Maria (semana de Natal);
- Magusto de Santa Maria (Outubro);
- OTL e ATL «Férias Activas, tempos Livres Valorizados» (decorre no Verão);
- Cursos de Formação Pedagógica de Formadores e de Francês, organizados pela Junta de Freguesia, ao longo de todo o ano;
- Posto Público de Acesso à Internet;
- «Concurso de Cascatas de Santos Populares» em Santa Maria;
- Almoço Anual para Carentiados, Idosos e Pensionistas de Santa Maria;
- Viagem Anual para Carentiados, Idosos e Pensionistas de Santa Maria;
- Comemoração do Dia do Padre Miguel;
- A Junta de Freguesia de Santa Maria possui um órgão de informação mensal, o Boletim Informativo DOMUS. Ele chega gratuitamente, todos os meses, a casa dos cidadãos da Freguesia.

Turismo

As associações recreativas e culturais existentes nesta freguesia desempenham um papel importante na preservação e divulgação das diversas formas de cultura da região, não só por constituírem locais de reunião e convívio por excelência, mas também, porque tomam a seu cargo a realização de eventos de natureza desportiva, religiosa, política ou cultural.

Monumentos

Castelo de Bragança

O Castelo de Bragança foi construído no início do século XV, segundo Pedro Dias, erguendo-se no alto de uma elevação, a cerca de 700 metros de altitude. A construção, em granito, apresenta um extenso conjunto de muralhas, formando quatro recintos individualizados entre si.

O Castelo, de feição gótico, é de planta oval com torres cilíndricas nos ângulos, tendo, ao centro, uma torre de menagem quadrangular. O interior está orientado segundo dois eixos viários, sendo a Rua da Cidadela, aquela que estabelece a ligação entre a Porta de Santo António, que dá para a parte velha da cidade, e a Porta do Sol. Da Porta de Santo António irradiam duas ruas e respectivos quarteirões edificados. À esquerda está um pequeno quarteirão interrompido pelo espaço ande, actualmente, se localiza o Pelourinho, outrora ocupado pela Igreja de S. Pedro. No centro fica o principal aglomerado populacional, tendo no seu topo a Igreja de Santa Maria e a célebre Domus Municipalis.

O lado Norte, anteriormente ocupado pelas instalações do Batalhão de Caçadores 3, encontra-se desocupado desde 1960, o que torna a torre de menagem ainda maior. O reduto principal, hoje

transformado em Museu, está defendido por muralha com cubelos. A porta, situada a Norte, está hoje desactivada. O Museu Militar encontra-se localizado na Torre de Menagem. Mandada construir por D. João I, no ano de 1409, a Torre tem 17 metros de lado e está dotada de sapata, com cerca de 6 metros de altura, e torreões nos ângulos. A porta, existente no primeiro registo, encontra-se a vários metros de altura. Destaque ainda para a pedra de armas da Casa de Avis, na fachada principal, e para as janelas de estilo gótico. Reza a história que aqui esteve prisioneira uma princesa perdida de amores por um trovador. De resto, a Torre é um dos melhores miradouros da cidade.

De referir ainda que, em 1727, D. João V mandou fazer obras gerais na fortificação. A conservação do edifício tem, aliás, exigidas várias intervenções ao longo dos últimos tempos. Assim, em 1936/39, procedeu-se ao restauro das muralhas e, um ano mais tarde, em 1940, fez-se o mesmo com a torre de menagem. Em 1944/49, nova intervenção para restauro das muralhas e da torre de menagem, para além das obras de reconstrução de apoio à Torre do Relógio e assentamento de portas. Em 1956 tem lugar a reparação do travejamento do torreão e, em 63, o mesmo acontece com a muralha envolvente da Domus.

Um ano mais tarde, em 64, nova intervenção na muralha junto da torre da Princesa, nos adarves e torres; a Porta do Sol é reconstruída e os edifícios pertencentes ao extinto Batalhão de Caçadores são demolidos; procede-se à recuperação da cidadela e à execução de calçadas.

Em 1965/67 tem lugar a reconstrução de panos de muralha, dos torreões e da Porta do Sol, bem como a beneficiação do adarve. Um ano mais tarde é a vez da parede adossada à torre da Princesa ser restaurada. Em 1979/80 é realizada nova intervenção na torre de menagem, ao mesmo tempo que se processa à consolidação da escada de acesso ao adarve e à recuperação da cripta. Em 1981/82, a Torre de Menagem é adaptada a Museu, procedendo-se, simultaneamente, à beneficiação de vários troços da muralha.

Dois anos mais tarde, em 83/84, têm lugar as últimas obras de conservação nos paramentos do castelo, procedendo-se também à remodelação da rede eléctrica. A instalação desta na área envolvente seria feita na década seguinte, em 1991.

Domus Municipalis

A Domus Municipalis constitui um belo exemplo de arquitectura românica civil, sendo o único do género na Península Ibérica. Provavelmente construído entre os séculos XIII e XIV, o edifício integra-se no aglomerado amuralhado da antiga cidadela, ladeando a Igreja de Santa Maria. A sua construção, em granito, é composta por cinco faces de dimensão irregular, abrindo-se, na de maior extensão, duas portas de folha única a vão rectangular. As janelas, dispostas ao longo de todas as faces de construção, apresentam arco abatido e moldura lisa, com excepção das sete colocadas a E., que possuem, no interior, uma arquivolta com ornatos estreliformes.

A cobertura, de cinco águas em telha caleira, exhibe cornija exterior assente em sessenta e quatro modilhões historiados. A particularidade deste edifício reside no lacrimal e num friso seu, o qual funciona como caleira recolectora de águas pluviais, sendo estas conduzidas por algerozes à cisterna, situada no rés-do-chão. Esta é de planta rectangular, com abóboda de canhão de três tramos marcados por arcos torais abatidos. Sobre o extradorso da abóboda assenta o pavimento

do piso superior, no qual se abrem três bocas, quadrangulares, de ligação à cisterna, sendo fechadas por grades de ferro.

O primeiro piso do edifício, constituído por um único salão com pavimento lajeado, exhibe uma "sédia" ao longo de todas as paredes, para assento dos membros do Conselho Municipal. A cornija interior assenta sobre cinquenta e três modilhões, alguns dos quais historiados. Por curiosidade, refira-se que este edifício foi construído para, inicialmente, servir de cisterna, sendo, por isso, referido em alguns documentos mais antigos como "Sala da Água".

Pelourinho de Bragança

O Pelourinho de Bragança insere-se, actualmente, no interior da povoação fortificado, perto da torre de menagem. Símbolo do Poder Municipal, a sua construção, em granito, remonta ao período medieval, possivelmente, aos séculos XII-XIII, altura em que D. Sancho I lhe concedeu foral, sendo mais tarde confirmado por D. Afonso II.

Importante marco histórico-cultural, o Pelourinho assenta sobre uma base poligonal de quatro degraus, sobre a qual está um "berrão" com cerca de 2 metros de comprimento, também conhecido como "a porca da vila".

As patas apresentam desgaste, devido à destruição causada pelo arranque forçado da obra do seu primeiro local. O fuste, colocado a meio do corpo do "berrão", é formado por uma coluna cilíndrica, com cerca de 6 metros de altura, sendo rematado por capitel com cruz de braços iguais. Os topos dos braços são esculpidos, representando, na sua maioria, figuras humanas e animais.

A encimar a cruz está um escudo, no qual se vislumbram um castelo e quinas. O conjunto remata com um outra figura humana.

Luís Chaves (1930) inclui este Pelourinho românico no "tipo bragançano", chamando a atenção para o facto do incluído em conjuntos de Pelourinhos que apresentam cenas mitológicas ou de suplício. Em 1706, o padre Carvalho da Costa referia a existência de uma praça, na qual estava o Pelourinho e os Paços Municipais. Em 1860, o Pelourinho é transferido para a Praça de Santiago, onde se encontra até hoje.

Convento e Igreja de S. Francisco

A construção deste convento deve-se, em grande parte, a D. Afonso III, que, em 1271 terá deixado, em testamento, cinquenta libras aos franciscanos de Bragança. Edificado no século XIII, a fundação do Convento foi, então, atribuída a São Francisco, aquando da sua passagem pela cidade a caminho de Santiago de Compostela.

Situado na vertente Norte do Castelo, este edifício, em granito, apresenta uma estrutura em forma de cruz latina, tendo a cobri-la, um telhado de duas águas. A fachada exhibe um portal renascença com arco pleno, sendo ladeado por duas colunas adossadas que, por sua vez, estão rematadas por pequenas pirâmides. Um pouco mais acima existe uma janela abocinada, de vão rectangular. Na empena do lado esquerdo está instalada uma torre sineira e um vasto edifício de três registos, que serviu outrora de hospital.

O primeiro registo exhibe duas portas, o segundo, cinco janelões moldurados e o terceiro mostra janelas com vão mais pequeno. O lado direito apresenta edificação de fachada rectangular com portal seiscentista, sendo rematado por frontão triangular de 1635. O conjunto é encimado por um pequeno nicho e duas janelas. No alçado posterior está a capela-mor, semicircular, sendo contrafortada até meio da sua altura. O interior, também ele em forma de cruz latina com cinco tramos, é de uma só nave e apresenta uma cobertura de estuque em berço, sustentada por arcos torais de granito. A capela lateral, no lado da Epístola, exhibe, no tecto, uma imagem da "Anunciação", que terá sido pintada em finais do século XVII inícios do seguinte. A capela-mor é iluminada por quatro janelas, duas oculares lobuladas e duas de vão recto. A talha que a orna esconde um fresco do século XVI, com área de 1,30m², onde está representada Nossa Senhora da Misericórdia, rodeada por rei e rainha, nobres, clérigos e outras figuras da corte. Frente ao altar-mor, no pavimento, está a lápide sepulcral do seu fundador e, sob ela, uma cripta de 4,16 por 3,35m, onde repousa o corpo em túmulo granítico.

Dos seis altares laterais destaca-se a da Nossa Senhora da Conceição, concebido para se orar por intenção dos falecidos. O incêndio de 1728 destruiu parte do edifício, obrigando a obras de reconstrução. Vinte anos mais tarde, em 1748, O arco do cruzeiro, de volta perfeita, substituiu os três arcos primitivos.

O decurso das obras obrigaria ainda ao entaipamento de quatro janelões das paredes das naves laterais. Já no século XX, o Convento viria a sofrer novas intervenções, como foi o caso da construção de um novo altar-mor, em 1915, da recuperação de parte do edifício e cobertura exterior do hospital, em 1983/4, e do restauro da capela, em 96-97. De referir ainda que o Arquivo Distrital está a funcionar nas instalações deste convento.

Igreja de Santa Maria

É um edifício românico, e adquiriu feição barroca com as obras de restauro realizadas no século XVIII. Destaque para o portal principal, ladeado por duas colunas salomónicas decoradas.

Igreja de São Vicente

Foi construída no século XIII e já em meados do século XVII, veio a ser reconstruída, devido ao desmoronamento de uma torre da segunda muralha do castelo. O interior exhibe decoração barroca, mas ainda é possível observar a traça românica primitiva do edifício. Destaque para a capela-mor, em talha dourada muito rica, e para o Painel de Azulejos (1929), que retrata o General Sepúlveda na proclamação entre as invasões napoleónicas (1808). Consta que terá sido nesta Igreja que D. Pedro desposou, em segredo, D. Inês de Castro.

Igreja de São Bento

Foi construída em finais do século XVI e pertenceu, em tempos, ao Mosteiro de São Bento. A sua principal fundadora terá sido D. Maria Teixeira, cuja pedra de armas está esculpida no interior do edifício. No interior há que destacar, "um dos únicos tectos de alfarge" (segundo "A Grande

Enciclopédia Luso-Brasileira"), estilo renascentista, e o retábulo do altar-mor, em talha do século XVIII.

Capela de S. Lázaro

Esta capela situa-se nos subúrbios de Bragança, perto da ponte romana sobre o rio Sabor. Como refere o Abade de Baçal, "O Cânon XXIII do Terceiro Concílio Ecuménico de Latrão, celebrado em 1179, ocupava-se dos leprosos concedendo-lhes igrejas próprias [...]". Conclui o Abade que esta Capela de S. Lázaro foi construída nesta época do Concílio de 1179. Durante mais de meio século, a Capela esteve sob a jurisdição da Paróquia da Sé. A partir de 1984 foi entregue à Paróquia de S. Bento e S. Francisco, na medida em que está inserida na sua área territorial. A Capela de S. Lázaro é pertença do Cabido da Sé Catedral.

Museu do Abade de Baçal

Está situado no antigo Paço Episcopal, este edifício poderá ter as suas origens nas antigas casas da Mitra e no Colégio de S. Pedro existentes no local, durante o século XVII. Contudo, a importância da cidade, no contexto diocesano de Bragança e Miranda, aliada à obrigatoriedade do bispo D. João de Sousa Carvalho aí se fixar obrigaram à realização de algumas obras, no sentido de ampliar e melhorar as ditas instalações. O edifício viria a sofrer novas alterações, aquando da mudança da sede episcopal de Miranda para Bragança (1764-76). Sob o episcopado de D. Frei Aleixo de Miranda Henriques, procedeu-se a nova reforma no edifício, envolvendo a aquisição de terrenos adjacentes e a ampliação e remodelação da estrutura já existente.

É nesta altura que o tecto prospettico da capela, da autoria de Manuel Caetano Fortuna, é executado, ostentando as suas armas no centro, o mesmo acontecendo com o tecto de outra sala. Julga-se poder datar desta fase a estruturação da fachada principal, ainda hoje existente, ressalvando-se a abertura de alguns vãos já durante o Estado Novo.

A intervenção da Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, na década de 40, introduz alterações profundas na estrutura do imóvel, adaptando-o a Museu. Na fachada principal, a intervenção reduz-se à abertura de duas pequenas janelas que envolvem, lateralmente, a entrada, de uma porta de acesso à antiga biblioteca, à abertura de uma janela e à substituição do gradeamento das sacadas do primeiro andar. No interior do edifício, esta intervenção pretende fazer coabitar o Arquivo Distrital e a Biblioteca Erudita com o Museu Regional do Abade de Baçal, atribuindo o rés-do-chão ao Arquivo e o primeiro andar ao Museu.

A criação das salas de Arqueologia, Pintura e Etnografia obrigou à demolição de tabiques e algumas paredes, bem como à redução do número de compartimentos e ampliação de outros. O edifício saiu valorizado com a abertura de vãos em arco, a substituição de tectos por outros, vindos dos conventos de S. Bento, S. Francisco e dos Jesuítas, com a aplicação de novos soalhos e portas, novos lambrins e caixilharias, e tectos novos reconstruídos a sabor setecentista, em castanho velho.

O enobrecimento passou também pela reformulação total da fachada Norte e área envolvente. Construiu-se um lajedo de cantaria aberto, através de sete arcadas de volta inteira, para o jardim

na zona onde existia a chamada "varanda dos cônegos", prolongou-se o edifício para nascente, o que permitiu alargar e fazerem-se novas salas nos dois pisos do edifício. Os jardins foram também arranjados com alamedas de buxo de desenho geométrico, à francesa. A intervenção completou-se com a construção da casa do guarda, de escada lateral e alpendre coberto.

O projecto de Intervenção de 1994 foi programado para ser realizado em duas fases: a primeira abrangeria a casa do guarda, os serviços administrativos e a exposição permanente, envolvendo quase todo o edifício, à excepção do corpo da biblioteca, que, conjuntamente com o edifício contíguo, constituiria a área de intervenção da segunda fase.

O Museu Municipal de Bragança, hoje Museu Abade de Baçal, foi criado por proposta do vereador Sebastião dos Reis Macias, aprovada na sessão de 4 de Novembro de 1896, depois do coronel Albino Pereira Lopo ter escrito em: 1886, um artigo no Norte Transmontano, que reclamava a criação de um museu em Bragança, à semelhança do que já acontecia um pouco por toda a Europa e principais cidades de Portugal. Nas suas palavras, o Museu devia compor-se de "collecções de moedas, objectos prehistóricos, esculturas, brasões, inscrições latinas e portuguesas [...]; de instrumentos de lavoura, trajos característicos, instrumentos musicos, aparelhos de caça e pesca [...]; de crâneos encontrados nos campos, esqueletos, collecção de cabellos [...]; e finalmente amostras de madeira, produto agrícolas, variedades de rochas, animaes embalsamados, etc.". Apoiado pelo clero e pela intelectualidade bragançana, Albino Lopo organizou uma subscrição pública de peças museológicas, ao mesmo tempo que efectuava buscas e recolha de materiais, sobretudo arqueológicos. O Museu Municipal, como viria a chamar-se, instalou-se em parte do rés-do-chão da Câmara Municipal, sendo inaugurado a 14 de Março de 1897.

Com o aparecimento da República, o Paço Episcopal é adquirida pelo Estado e o Museu Municipal instala-se nas salas do primeiro andar, enquanto que as do rés-do-chão são reservadas para outros organismos públicos, como a GNR, o Arquivo do Registo Civil e a Biblioteca Erudita de Bragança.

No final do ano de 1914, e ao abrigo da Lei da Separação da Igreja e do Estado, era anunciado o leilão de grande parte do recheio do antigo Paço, que acabaria, entretanto, por ser adiado, graças à interferência do doutor José de Figueiredo. O acervo viria a ser adquirido pelos serviços oficiais, revertendo para o futuro Museu Regional de Obras de Arte, Peças Arqueológicas e Numismática de Bragança, que logo assimilará o espólio museológico do Museu Municipal aquando da sua fundação em 13 de Novembro de 1915 "Este museu é composto por grande número de objectos de prata, cadeiras de coiro de alto espaldar de estilos diferentes, bufetes, quadros, paramentos, imagens em madeira, camas antigas e outros objectos, que se acham no edifício do paço episcopal da mesma cidade e de objectos arqueológicos e numismática, que compõem o Museu da Câmara Municipal, também da mesma cidade, que o oferece ao Museu agora criado".

De acordo com o decreto de 29 de Novembro de 1916 era criada a Biblioteca Erudita de Bragança, a funcionar, então, no Paço Episcopal. Dela faziam parte as livrarias da Mitra, da Junta Geral, do Seminário Diocesano e obras literárias pertencentes à Câmara. O mesmo decreto criava ainda o Arquivo Distrital de Bragança, anexo à Biblioteca Erudita, constituído pelo cartório do Cabido, documentos dos conventos de S. Bento, Santa Clara de Bragança, santa Clara de Vinhais, Cartórios Paroquiais, Notariais a Criminais. Em 1927, O Museu Municipal incorpora-se, definitivamente, no Museu Regional. A recolha do espólio museológico do Museu Municipal ficou a dever-se, em grande parte, ao coronel Albino Pereira Lopo, seu primeiro director. Na mudança do século, este papel foi

continuado pelo clero, sobretudo pelo Abade de Baçal, exortado pelas pastorais diocesanas de Alves Mariz. O maior legatário foi o próprio Alves Mariz quando, em 1912, foi condenado e degredado de Bragança e o Paço Episcopal reverteu para o Estado.

Em 1925, por instâncias de José de Figueiredo, o Abade de Baçal foi nomeado director do Museu. Ao espólio existente foram-se somando outras dádivas de amigos e artistas, bem como os muitos objectos que o Abade ia descobrindo e adquirindo, sempre sob o parecer do amigo Raúl Teixeira.

Após a nomeação deste para director da instituição, a política de angariação de fundos, junto dos Amigos do Museu para aquisição de obras de arte, manteve-se o reforçou-se, sobretudo no domínio da arte académica. Na década de 30 começa a verificar-se a incorporação de doações particulares, como as de Abel Salazar, no domínio da pintura, desenho e escultura, ou da família Sã Vargas, com duas colecções de ourivesaria e mobiliário de escola, bem como algumas gravuras e outros objectos.

O Dr. Raúl Teixeira desempenhou um papel importante no enriquecimento de acervo museológico, na medida em que grande parte das obras de arte das décadas de 30 e 40, e parte da de 50, se devem a ele, foram conseguidos por aquisição, ora por doação, assim como por depósitos temporários de espécies vindas de museus centrais, que acabariam por se perpetuar.

Na década de 50, o Museu recebe o legado de Guerra Junqueiro, constituído por algum mobiliário e pintura. No início da década de 60, a instituição acolhe o legado de Trindade Coelho, formado também por algumas peças de mobiliário, alguns manuscritos e pela sua biblioteca.

A principal colecção de numismática, constituída por duas mil moedas portuguesas, foi legada em 1973 pelo coronel Ramires. A última doação, com algum mobiliário e boa pintura, efectuou-se em 1992, através da esposa do falecido Dr. Eduardo Costa. Assim nasceu o Museu, uma amálgama de objectos angariados de formas variadas, desde a prospecção amadora do coronel Albino Lopo à colaboração do sacerdócio, estimulada por pastorais, sobretudo do Bispo D. José Alves Mariz, passando pelas centenas de doações individuais. Do conjunto sobressai a ourivesaria civil e sacra, das melhores colecções do museu, o conjunto de pintura e o mobiliário. Com a criação do Museu Regional e a incorporação neste do Museu Municipal e de parte do acervo do antigo Paço Episcopal, o novo museu ficou mais rico, artisticamente mais elaborado e suficientemente importante para confirmar a identidade local, mas também para a afirmação da identidade nacional.

Ponte do Jorge

A ponte, de tabuleiro horizontal sobre arco quebrado, é da autoria do arquitecto Pero de La Faia, que, no ano de 1556, conseguiu arrematar a sua construção à Câmara de Bragança. Construída na segunda metade do século XVI, esta ponte ainda hoje mantém a circulação pedonal entre as margens altas do rio Fervença. A fazer parte do conjunto está uma fonte de espaldar, que apresenta a taça enterrada, sendo enquadrada por duas pilastras de feição jónica e encimada pelas armas do Concelho.

Ponte de Granja

Esta ponte está integrada no caminho velho, que ligava Bragança ao Portelo, atravessando a Ribeira que tem o mesmo nome, permitindo a circulação rodoviária entre as suas margens. A ponte, de tabuleiro plano, assenta sobre um único arco quebrado. O intradorso do arco mostra dois tipos de aparelhos diferentes, o que leva a crer que a ponte terá sido alargada. O tabuleiro, com cerca de 4m, está pavimentado com calçada, tendo guardas em alvenaria de xisto argamassado e remate superior com lajes dispostas verticalmente.

As guardas apresentam, na base, orifício de drenagem de águas. Por sua vez, as aduelas dos arcos, estreitas e compridas, apresentam extradorso irregular.

Ponte das Carvas

Esta ponte está acessível pela EN 218, que liga Bragança a Vimioso e une as margens do Sabor, onde o vale se apresenta mais encaixado. Construída durante a Idade Média, a Ponte insere-se no traçado da Via XVII do Itinerário de Antonino, encontrando-se no caminho medieval e, mais tarde, moderno, que ligava a cidade de Bragança à Vila de Outeiro de Miranda.

De tabuleiro horizontal, a ponte assenta sobre três arcos quebrados de dimensão irregular. Os dois pilares da ponte estão reforçados com contrafortes, sendo os talhamares triangulares, ao passo que um dos talhantes é triangular e o outro rectangular. Os encontros também estão reforçados, sendo o da margem O. em forma de pegão com talhante e talhamar triangulares, enquanto o da margem E. tem um reforço rectangular do lado jusante.

O tabuleiro apresenta um pavimento de calçada e as guardas são em alvenaria de xisto.

As várias gárgulas existentes nas faces servem de escoamento das águas sobre o pavimento.

Imagens



		
<p>Vista aérea da cidadela</p>	<p>Castelo de Bragança e Museu Militar</p>	<p>Duque D. Fernando</p>
		
<p>Convento de S. Francisco</p>	<p>Domus Municipalis</p>	<p>Edifício do principal</p>
		
<p>Escola do 1º ciclo - S. Sebastião</p>	<p>Centro Cultural</p>	<p>Arquivo Distrital</p>
		
<p>Largo do principal</p>	<p>Rua Histórica</p>	<p>Governo Civil do Distrito de Bragança</p>